

1207
ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA

Separata do «Boletim da Academia», Nova Série — Vól. II

A PROPÓSITO DAS ÉCLOGAS
DE
VERGÍLIO E DE CAMÕES

PELO

Dr. JOSÉ MARIA RODRIGUES

Sócio efectivo da Academia
das Ciências de Lisboa

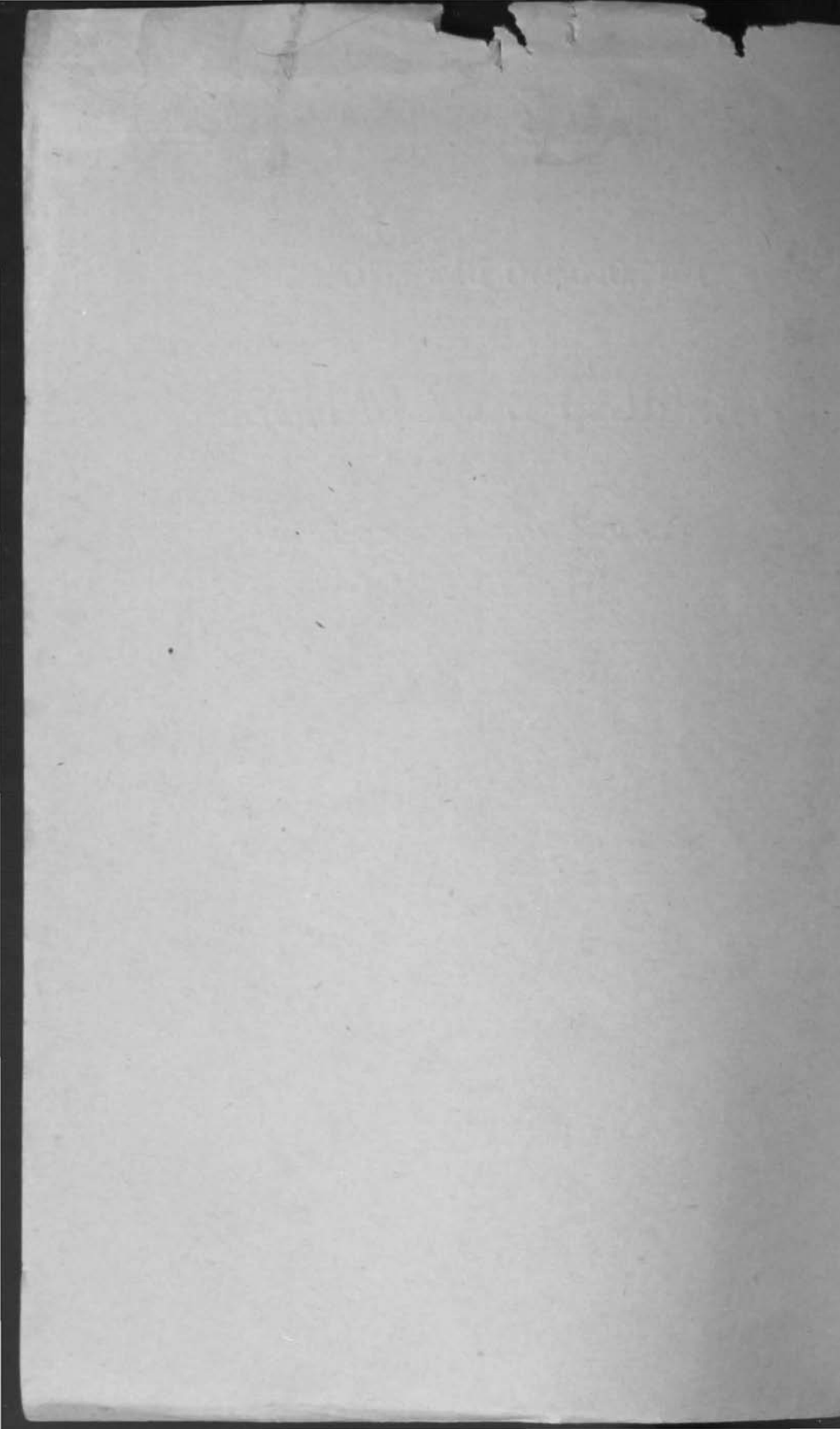


COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1931

7
64
22
131



ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA

Separata do «Boletim da Academia». Nova Série — VOL. II

A PROPÓSITO DAS ÉCLOGAS
DE
VERGÍLIO E DE CAMÕES

PELO

Dr. JOSÉ MARIA RODRIGUES

Sócio efectivo da Academia
das Ciências de Lisboa



COIMBRA
IMPRESA DA UNIVERSIDADE
1931

UNIVERSIDAD NACIONAL DE LA PLATA

INSTITUTO DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS

VERBILTO E DE CAMOES

DE JOSÉ MARIA RODRIGUES

Publicado en la imprenta de la Universidad Nacional de la Plata



1921

IMPRESA DE LA UNIVERSIDAD NACIONAL DE LA PLATA

1921

A PROPÓSITO DAS ÉCLOGAS DE VERGÍLIO E DE CAMÕES

1) «Éclogas», porquê? É uma interrogação que sugere logo o enunciado que acabo de ler.

A palavra provém da raiz *leg-*, no grau *o*, *log-*, que no grego e no latim tem a significação primitiva de *reunir* e de *escolher*. «Écloga» é, portanto, etimologicamente, uma selecção, uma escolha; e na linguagem respeitante a trabalhos literários significou a princípio, entre os romanos, uma colecção de trechos escolhidos, uma selecta.

«*Eclogas ex annalei descriptas*» diz um texto de Varrão¹. Depois, por uma transição semântica não difícil de explicar, passaram a chamar-se éclogas as pequenas composições poéticas: *Sive epigrammata, sive idyllia, sive eclogas, sive (ut multi) poematia seu quod aliud praeberere malueris licebit voces*», são palavras de Plínio o Moço em uma das suas epístolas².

E como as poesias bucólicas de Vergílio, os seus *Bucolica*, eram «*poematia*», pequenos poemas, ao plural neutro substantivado, que por si era bastante para as designar, embora já empregado em uma acepção mais ampla do que a primitiva³, juntaram os gramáticos o

¹ Cf. Pauly-Vissowa, *Real-Encyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*, V, v. *Ecloga*.

² Cf. obra e lugar citado.

³ Etimologicamente, refere-se à pastoreação do gado bovino.

substantivo feminino *Ecloga*, como quem diz: pequeno poema, relativo à vida pastoril. Depois omitiu-se a palavra *Bucolica* e o aditamento assumiu a significação que pertencia a esta. Foi o que aconteceu, por exemplo, em Camões, cujas éclogas são, em geral, poemets modelados pelas composições do género pastoril.

Caso análogo ao que se deu na terminologia latina o vamos encontrar também entre os gregos. As poesias pastoris eram incluídas entre os «eidullia», no português «idílios». Ora esta palavra é, morfológicamente, o diminutivo de «eidos», *forma*, e a expressão *eidos harmonias* indicava nas odes de Píndaro a música em que cada uma delas havia de ser cantada. Depois o plural *eide* passou a significar as líricas do grande poeta de Tebas. E daí os «eidullia boucolica», as composições do género pastoril; e, com a supressão do adjectivo, o nome que se dá, por exemplo, às composições pastoris de Teócrito.

2) Com relação ao aparecimento e evolução da poesia bucólica no mundo clássico e à fase em que ela se nos apresenta em Camões, cumpre observar o seguinte:

a) Deixando os reais ou supostos precursores de Teócrito, o que é certo é que foi este poeta quem no século III antes de Cristo criou, por assim dizer, a poesia pastoril. Os historiadores da literatura grega costumam explicar o aparecimento deste género pelas circunstâncias em que então se encontrava o mundo helénico. Os requintes da vida das cidades, nos tempos que se seguiram à morte de Alexandre Magno, o luxo desenfreado, o convencionalismo das relações sociais, que envolvia estas numa emmaranhada rede de empecilhos, tudo isto chamou a atenção de muitos espíritos (como em épocas posteriores mais de uma vez havia de acontecer) para a simplicidade e sobriedade da vida dos campos e sobre tudo para a tranqüilidade e para a inocência, mais ou menos real,

da vida pastoril⁴. E os poetas não tardaram em descobrir nesta vida elementos que, depurados pelo ideal, foram aproveitados nas suas composições. Chamaram-lhes sobretudo a atenção os pastores de certas regiões, os quais, em rudes cantos a que não costumava faltar o acompanhamento da flauta, se ocupavam dos trabalhos e das peripécias da sua vida, e principalmente dos seus amores, das suas rivalidades.

Mas o novo género literário tinha um âmbito muito restrito. Os assuntos que pròpriamente entravam nêle eram pouco variados, sendo assim grande o risco da monotonia.

Foi por isso que Vergílio, seguindo aliás o exemplo de Teócrito, não hesitou em tratar, nas *Bucólicas*, matérias que só pela forma podiam entrar neste género. Tais são as élogas 1.^a e 9.^a, relativas, segundo a explicação tradicional², à perda da propriedade rústica do poeta, de que por fim se apoderou um dos veteranos vencedores em Filipos; tal é a égloga 2.^a, em que o pastor

¹ Veja-se, por exemplo, W. Christ, *Geschichte der griechischen Litteratur*, 3.^a ed., § 361.

² «È chiaro che nella persona di Tityro Virgilio ha sol in parte raffigurato i casi suoi nel famoso anno 713 di R. = 41 av. Cr. Tityro è dunque un servo del poeta, col quale partecipo' alle terribili ansie in cui furono gettati dal decreto dei triumviri i proprietari de terreni nel Mantovano.» Sampini, *Le Bucoliche*, Torino, 1926, pág. xx-xvii.

«Dans la première Bucolique, Tityre n'est par Virgile, mais Tityre a éprouvé la même mésaventure que Virgile, ce qui permet au poète de le faire parler pour lui-même». E mais adiante: «Il nous semble que le personnage de Tityre est double: c'est un propriétaire, comme Virgile, ce qui permet au poète de se substituer un moment à lui et lui prêter ses sentiments, .. heureux d'exprimer, et d'une façon delicate, toute sa reconnaissance à celui qui lui a permis, il le croit du moins (v. 9), de conserver ses biens». H. Goelzer, *Virgile. Bucoliques*, Paris (s. d.), pág. 9 e 22.

Córidon dá largas à sua indecorosa paixão por Alxis; tal é também a 10.^a, que se ocupa dos infelizes amores de Cornélio Galo pela actriz Cítéríde, a Licóride do poemeto.

Mas Vergílio fêz mais: incluiu nas *Bucólicas* assuntos que nem mesmo pela forma entram neste género. Tais são os das éclogas 4.^a e 6.^a, que levaram, há mais de um século, o douto editor e comentador de Vergílio, Cristiano Heyne, a considerá-lo como inventor de um novo género literário. « Id genus invenire mihi videor, diz êle, si Silenum, eclogam vi, et Polionem, eclogam iv, inspicio ». Na primeira destas, com efeito, o velho amo e companheiro de Baco, Sileno, que adormecera embriagado, é preso com os festões que tinha deixado cair e vê-se obrigado a cantar a formação do mundo e várias lendas concernentes aos tempos antigos. É um poemeto do género narrativo, escrito sob a influência das doutrinas da escola de Epicuro e de outros filósofos gregos.

Na 4.^a écloga Vergílio canta entusiasmado o começo de uma nova fase da história do mundo, de uma nova idade de ouro, que coincide com o nascimento de uma criança extraordinária:

Ultima Cumaei venit jam carminis aetas;
Magnus ab integro saeculorum nascitur ordo.
Jam redit et Virgo; redeunt Saturnia regna:
Jam nova progenies caelo demittitur alto.
Tu modo nascenti puero, quo ferrea primum
Desinet, ac toto surget gens aurea mundo,
Casta fave, Lucina: tuus jam regnat Apollo.

É sabido quanto se tem escrito e continua a escrever — em nossos dias mais que nunca — sobre a interpretação desta écloga.

¿ Há nela um eco das profecias messiânicas, podendo chamar-se-lhe, como o faz o israelita Salomão Reinach,

o primeiro dos livros cristãos?¹ Explica-se o seu conteúdo dentro da história romana e de crenças religiosas e filosóficas que no tempo de Vergílio tinham sectários em Roma? A criança que tão importante papel desempenha na égloga é o « filho da Virgem » de Isafas ou o filho de algum cidadão romano? É o Messias ou é, por exemplo, Salonino, o obscuro filho de Asínio Polião, para não falar em Júlia, a tristemente célebre filha de Augusto?²

Mas não vem aqui a propósito a discussão destes, aliás tão interessantes, problemas. Referi-me a eles apenas como prova de que Vergílio incluiu no género bucólico assuntos que nem mesmo pela forma de os tratar têm qualquer relação com este género literário.

b) Vejamos agora como procedeu Camões. Em primeiro lugar, não há entre as suas églogas (são 8 as autênticas) nenhuma que pertença à poesia pastoril propriamente dita, a-pesar-dos pastores que nelas entram.

Uma delas, a 8.^a, é constituída por um monólogo do pescador Sereno, apaixonado por Galatea, a formosa ninfa marítima, tão celebrada por Teócrito e por Vergílio, e que no primeiro tão viva paixão inspirou ao foíssimo Polifemo. Em outra, a 6.^a, são interlocutores o pastor Agrário e o pescador Halieuto, nome, diga-se de passagem, que os editores transformaram em Halicuto, que não é nada, ao passo que Halieuto é o *halieutes* grego, que significa pescador. São duas églogas total ou parcialmente piscatórias.

Foi considerado autor desta inovação, com que se fez mais ruído do que ela merecia, Sannazaro, o autor da

¹ *Cultes, Mythes et Religion*, II, pág. 83-84.

² Cf. Cercopino, *Virgile et le mystère de la 14^e églogue*. Paris, 1930. Obra que orienta o leitor sobre a tão debatida questão.

Arcadia, de quem, a êste propósito, disse Ariosto, no c. 16, est. 47, do *Furioso*:

Jacobo Sanazar, ch'alle Camene
Lasciar fa i monti et habitar l'arene.

E o nosso poeta, ao dirigir-se na écloga 6.^a ao Marquês de Tôrres Novas, a quem se dava já o título de Duque de Aveiro:

A rústica contenda desusada
Entre as musas dos bosques, das areas,
De seus rudes cultores modulada,
A cujo som, atónitas e alheas,
Do monte as brancas vacas estiveram,
E do rio as saxátiles lampreias,
Desejo as cantar.....
.....
Vereis, Duque sereno, o estilo vário,
A nós novo, mas noutro mar cantado,
De um que só foi das musas secretário:
O pescador Sincero¹, que amansado
Tem o pégo de Prôquita co'o canto
Por as sonoras ondas compassado.
Dêste seguindo o som, que pode tanto,
E misturado o antigo mantuano,
Façamos novo estilo, novo espanto.

E segue-se uma écloga, mixto de pastoril e de piscatória, em que um pastor que tinha descido do monte, absorvido pelas suas cogitações amorosas, se encontra à beira mar com um pescador, que tocava « não vista e nova lira », perdido também de amores, mas por uma ninfa marítima.

E trava-se entre os dois um longo diálogo, em que são ouvintes pastores e pescadores e que os peixes escutam, com as cabeças fora da água.

¹ Accio Sincero era o nome literário de Sannazaro na Academia Napolitana de Pontano.

Emquanto à apregoada inovação, em que tanto insiste Camões, deve dizer-se que, entre os idílios de Teócrito, o 21.º é constituído pelo diálogo entre dois pescadores, um dos quais conta a outro ter sonhado que pescara um peixe de ouro e que, como êste devia pertencer a Neptuno ou a Anfitrite, jurara não tornaria ao mar. Achava-se, porém, agora em dúvida se estaria obrigado a cumprir o juramento. Mas o companheiro observa-lhe que nenhum fundamento tem o seu escrúpulo. Êste idílio de Teócrito é o precursor das éclogas piscatórias de Sannazaro.

Do género pastoril, em que tudo podia caber, se aproveitou Camões para as duas provas com que fez a sua apresentação no mundo das letras.

É a primeira a écloga *As doces cantilenas*, composta ainda em Coimbra e endereçada ao primeiro Conde de Linhares, D. António de Noronha, de que nos resta uma poesia no *Cancioneiro Geral* de Rezende¹. Nesta écloga mostra Camões manejar já com tóda a pericia o hendecassilabo italiano. Além disso, os conceitos são expostos com mais fluência e clareza do que o haviam sido, por exemplo, na *Elegia da sexta feira de endoenças*.

Na 2.ª prova, *A rústica contenda desusada*, escrita também em Coimbra — dirigida ao Duque de Aveiro, que, como se sabe, também poetava, — ensaiava-se Camões no que êle hiperbòlicamente chamava « novo estilo, novo espanto » e que por isso aproveitou para o segundo manifesto literário.

Das outras éclogas, uma, *Que grande variedade vão fazendo*, a última na ordem cronológica, escrita já na Índia e que o próprio poeta reputava a melhor de quantas

¹ Cf. ed. de Coimbra, t. iv, pág. 90. É o *Dom António* que aí aparece como autor de uma das trovas a D. Beatriz de Vilhena.

fizera¹, occupa-se de dois mortos: o jovem D. António de Noronha, neto de um dos patronos literários do poeta, e o Príncipe D. João, cujo prematuro desaparecimento tão vivas apreensões causa a um dos interlocutores, Frondélio, isto é, Camões.

É um trabalho primoroso, ditado pela amizade e pelo amor da pátria e que não receia confrontos com qualquer dos *Idílios* de Teócrito ou das *Éclogas* de Vergílio.

Das quatro églogas restantes, uma, a 3.^a na ordem cronológica, escrita nos últimos tempos de Ceuta, tem por assunto os amores do poeta com a Infanta D. Maria, amores de que se vira obrigado a desistir, mas que continuavam a obsidiá-lo e a amargar-lhe a alma.

Acordando de um devaneio, em que supunha ter nos braços a bem amada, Almeno, isto é, Camões, exclama:

Ah falso pensamento, que me enganas!
Fazes-me pôr a bôca onde não devo,
Com palavras de doudo, ou quasi insanas!
Como a alçar-me tão alto assim me atrevo?

Três referem-se a Isabel Tavares, a prima do poeta, com quem elle, vindo de Ceuta, pretende reatar as relações amorosas.

Na primeira, dirigida a um prelado, naturalmente o Pinheiro do soneto *Depois que viu Cibele*, o D. Gonçalo Pinheiro que depois assinou a carta de perdão, o pastor queixoso e namorado, isto é, Camões, supplica ao seu Sol que venha, que o não abandone:

Torna, meu claro Sol; torna, meu bem.
Qual é o Josué, que te detem?

.....

¹ Vid. a *Carta escrita da Índia*: «Uma Egloga fiz sobre a mesma materia (a morte de D. António de Noronha), a qual também trata alguma cousa da morte do Principe, que me parece melhor de quantas fiz».

Se te apartas por não ouvir meu rogo,
 Onde estiveres, te hei de importunar;
 Posto que vás por água, ferro ou fogo,
 Contigo em toda a parte me has de achar.

Mas Isabel Tavares tinha sido gravemente ofendida; a sua honra saíra mal ferida de uma alusão, pelo menos, equívoca, feita perante muita gente, na representação do *Auto de El-Rei Seleuco*¹. Mostrou-se por isso inexorável aos instantes rogos de quem tão desprimorosa e levianamente havia aludido aos seus amores com a *Menina dos olhos verdes*. É o assunto da écloga 3.^a, a 6.^a na ordem cronológica. Belisa, Isabel Tavares, expõe os motivos de queixa que tinha contra aquele que tanto havia amado e de quem se despede para sempre, transformando-se em árvore, processo que a continuada leitura de Ovidio tão familiar havia tornado ao poeta.

Isabel Tavares casou e na mesma ocasião quebraram-se as relações amorosas entre D. Margarida da Silva, da Casa de Abrantes, e D. António de Noronha, neto do primeiro Conde de Linhares.

É o assunto da écloga *Cantando por um vale*.

Os dois pastorês abandonados, Frondélio (Camões) e Duriano (D. António de Noronha, oriundo da Casa de Vila Real), queixam-se amargamente, um de Belisa, e outro de Silvana (D. Margarida da Silva).

¹ No fim do prólogo, quando vai principiar o auto, trava-se o diálogo seguinte: «MORDOMO. — Parece-me, Senhor, que entra a primeira figura (*Era Camões, o autor do auto, que vinha recitar o suposto prólogo*). Moço, mete-te aqui por baixo desta mesa e ouçamos êste representador, que vem mais amarrotado dos encontros que um capuz roxo de pilôto que saíu em terra, e o tira da arca de cedro.

«МАРТИМ. — Senhor, êle parece que aprende a cirurgiaão. АМБРОСИО. — Mais parece o ourinol capado (?) que anda de amores com a menina dos olhos verdes.» (Talvez erro de cópia em «capado», por «tampado», escrito «tãpado», e dada a semelhança, no século XVI, entre o «t» e o «c» manuscritos).

3) Esboçado o assunto das élogas de Vergílio e das de Camões, vejamos agora o que se deve pensar da originalidade de umas e de outras.

As primeiras acham-se em íntima relação com os idílios de Teócrito. Compreende-se bem que, propondo-se inaugurar em Roma um novo género literário, Vergílio estudasse afincadamente o primeiro e mais notável dos bucólicos gregos; gravasse na memória os conceitos que nêle encontrava; reparasse nas situações e no carácter das pessoas figuradas nos *Idílios* do poeta helénico. Não admira, portanto, que apareçam nêle contínuas reminiscências do seu modelo; não são de estranhar mesmo traduções literais de certos passos, se nos lembrarmos que o critério hoje vigente a respeito de plágios diverge muito do que dominava na antiguidade clássica e, muito mais próximo de nós, em pleno século XVI, no tempo de Camões. Basta dizer que este procedeu, por vezes, com as *Rimas* de Petrarca, como Vergílio com os *Idílios* de Teócrito. E é por isso que já mais de um crítico tem observado que quem ler como erudito as élogas de Vergílio tropeçará a cada passo com o bucólico grego; mas que quem se não recordar dêste ou o puser de lado, em breve se sentirá encantado pelos versos do poeta latino. «Tendo ido buscar muito ao seu predecessor, quasi lhe não deve nada, pois a tudo isso soube imprimir um cunho original e pessoal» — é a fórmula que na obra atrás citada adopta o notável humanista francês Golzer.

Mais longe ainda vai Bellesort em um livro recentemente publicado ¹, onde se lêem as seguintes palavras: «Os génios, da mesma forma que a natureza, são pertença de todos nós; podemos, por nossa conta e risco, tirar deles o que nos aprouver. . . O importante é não emitir o mesmo som que elles; é igualá-los ou ser-lhes superior.

¹ *Virgile, son œuvre et son temps*. Paris, 1930. Pág. 36 e segs.

Admitamos que Vergílio tirou dêles tudo: não lhes ficou a dever nada. Se a fórmula parecer excessiva, digamos que não lhes deve mais do que à paisagem da sua terra natal; ao sussurrar das suas abelhas; à luz da Itália; aos largos caminhos que levavam a Roma, à própria Roma e a todos os espectáculos da sua juventude ».

Compreende-se que fale assim um admirador entusiasta de Vergílio; mas nem é preciso estabelecer como principio que pertence a todos o que é literariamente bom, nem formular a hipótese de que Vergílio deve tudo aos génios que o precederam. Precisamente porque pertence também à categoria dos grandes poetas é que nem tudo tirou dos seus predecessores. E se é certo que bastante se aproveitou dêles, o mesmo lhe haviam de fazer depois a êle tantos poetas, entre os quais o nosso Camões. E não vem fora de propósito observar que um dos maiores títulos de glória para os grandes poetas é precisamente a influência que êles exercem sôbre os vindouros. E êsse título não falta a Vergílio, não só no campo das letras, mas também fora dêle.

4) Fazendo, sob o aspecto da originalidade, o confronto das éclogas do poeta latino com as de Camões, vê-se que as dêste são muito superiores às do primeiro. Basta dizer que seis dentre elas (e não passam de 8 por tôdas) são autobiográficas. É o coração do poeta, o coração instigado pelo amor, que nelas dá largas aos sentimentos que o agitam. Se a cada passo se nos deparam reminiscências clássicas, acham-se elas tão incrustadas, tão diluídas no contexto, que excluem tôda a idea de uma imitação.

É a larga preparação mental, formada pela intensa leitura de poetas clássicos, que naturalmente as sugere, tôdas as vezes que vem a propósito. Se, por exemplo, a Galatea branca e loura da écloga 8.^a nos reporta logo à « Nerine Galatea, candidior cyenis » de Vergílio, nada

mais se encontra naquela égloga que nos recorde a literatura clássica. O cenário tem como pano de fundo os montes da Arrábida e o pescador Sereno é o próprio poeta, apaixonado pela Infanta D. Maria, a Galatea de olhos azuis, e ansioso por um dia em que a esta possa dar conta da sua «doudice triste e vã profia».

Restam os dois manifestos literários, a égloga 7.^a e a 6.^a E basta isto para lhes imprimir o carácter de originalidade. Na primeira, dois sátiros vão descobrir as duas ninfas por quem estão apaixonados a tomar banho juntamente com outras, em um sítio escuso do Parnaso. Fogem as ninfas e os sátiros vão no encalço delas. Os monólogos dos dois sátiros estão cheios de reminiscências clássicas; o do 2.^o, especialmente, é como que um resumo de muitos passos das *Metamorfoses* de Ovídio. É extraordinária a erudição que o poeta revela, mas fá-lo em condições que não se pode considerar como plagiário. Ovídio é uma fonte, como tal utilizada.

O mesmo deve dizer-se do segundo manifesto. Há, porém, no desligado do diálogo, a imitação de mais de uma égloga de Vergílio, que por sua vez também neste ponto tomou por modelo a Teócrito.

5) Comparemos agora o valor literário das églogas dos dois poetas.

Em Vergílio predomina o artifício. Só três das suas églogas, a 1.^a, a 9.^a e a 10.^a, conseguem interessar-nos ainda hoje pelo que nelas há de pessoal. Sabemos o assunto das primeiras. A 10.^a (e última) é ditada pela amizade:

Pauca meo Gallo, sed quae legat ipsa Lycoris,
Carmina sunt dicenda.

E Vergílio, lastimando os amores indignos e não correspondidos por que o seu amigo se deixou prender, põe na boca dêste queixas ardentes contra a criatura que o

deixou, para seguir outro amante, que ia combater contra os inimigos de Roma, nas margens do Reno.

E o abandonado Galo como que sente os frios que a antiga comediante vai sofrer.

O assunto desta égloga aproveitou-o Camões na égloga 2.^a, para exemplificar os desastrosos efeitos de amor:

Quantas vezes as ásperas mudanças
 O namorado Galo tem chorado
 De quem o tinha envolto em esperanças?
 Estava o triste amante recostado,
 Chorando ao pé de um freixo o triste caso,
 Que o falso amor lhe tinha destinado.
 Por'êle o sacro Pindo e o grão Parnaso,
 Na fonte de Aganipe destilando,
 Se faziam de lágrimas um vaso;
 O intonso Apolo o vinha ali culpando,
 A sobeja tristeza perigosa
 Com ásperas palavras reprovando:
 Galo, porque endoudeces? que a formosa
 Ninfa, que tanto amaste, descobrindo
 Por falsa a fé que dava, e mentirosa,
 Por as Alpinas neves vai seguindo
 Outro bem, outro amor, outro desejo,
 Como inimiga, enfim, de ti fugindo.
 Mas o mísero amante, que o sobejo,
 Mal empregado amor lhe defendia
 Ter de tamanha fé vergonha ou pejo,
 Da falsífica ninfa não sentia
 Senão que o frio e gelado Reno
 Os delicados pés lhe ofenderia.

A égloga de Vergílio revive, por assim dizer, nos tercetos de Camões, por causa do assunto pessoal nêle tratado.

Ora é precisamente isto que caracteriza tôdas as églogas de Camões, mesmo os dois manifestos literários. É isto que dá um extraordinário valor a tantos trechos das suas églogas amorosas. Quem, tendo-o uma vez lido,

poderá esquecer, por exemplo, o diálogo entre Almeno e Belisa, na écloga dêste título, ou o diálogo entre Almeno e Agrário da écloga 2.^a?

É opinião corrente, e conforme com a verdade, que só com as éclogas Vergilio não teria direito a figurar entre os poetas primaciais da antigüidade clássica. Só com as suas, deve Camões ser tido na conta de grande poeta.



